

TOPONIMIOS

CHARRUA

Alvaro Batista Ilgenfritz

Foi esta a denominação dada à vila que se chamou Sete de Setembro, distrito pertencente ao município de Getúlio Vargas, quando da primeira revisão toponímica do Estado do Rio Grande do Sul.

Na bibliografia consultada encontramos êsse vocábulo grafado de diversas maneiras:

Charrúa (grafia vitoriosa),
Xarrua (dos portugueses antigos),
Chauraes (Diego Garcia),
Yacroas (Oviedo),
Zechuriass e Zecheruaiss (Schmiedel),
Charuahá (Barco Centenera) etc.

Outros escrevem Zaruas (Mapa de Rui Diaz de Gusman), além da confusão que se faz com a parcialidade dos Yarros ou Yaros e com certa tribo dos Chandules, Ñnadules, Yandüles ou Gandules. Já se vê que não é facil a interpretação do vocábulo. Qual das formas, porém, é a verdadeira e a que idioma se reporta?

Os charrúas — é hoje questão pacífica — integravam o tronco aruaque, como um de seus ramos meridionais. Essa família étnica subia o Orenoco, anastomansando-se, pelo Caciquiare, com o alto Rio Negro, nas lindes colombianas e venezuelanas, chegando até a boca do Amazonas, onde deixou a afamada cerâmica marajoara. Eram os nheengaíbas (O Homem do Pacoval — Raimundo Moraes). Daí espraiavam-se os aruaques pelo Tapajoz e pelo Madeira, remontando as nascentes do Paraguai. Depois tomavam as denominações locais de guaicurús, mbayás, mocovís, timbús, chanás, até entestarem com os araucanos, seus afins, junto à Cordilheira dos Andes. Daí infletiam para o Oeste, até o estuário do Prata. Constituíram, pois, um dos mais notáveis grupos raciais da América.

No Rio Grande do Sul, República Oriental do Uruguai, Entre Rios e mais além, eram representados pela forte tribo dos Guenoas, composta das parcialidades dos yarós, dos minuanos, dos bohanes e dos charrúas. Alhures tomavam denominações eventuais, como chanés, mbeguás, gandu-

los etc.; todos, porém, genêricamente chamados pampas, pelo seu *habitat*. R. H. Schomburgk denomina charrúas aos aruaques do Orenoco, onde ainda se intitulam *aruá* ou *aruwa*, assim como se intitulavam *aruás* os ceramistas de Marajó.

Identificada a raça, contudo, podemos inferir que seus representantes falavam um dos dialetos do idioma aruaque (originalmente se escreveu *aruak*), mas é este um dos menos conhecidos da América. Poucos são os vocábulos charrúas que chegaram até nossos dias e êsses mesmos muito deturpados.

Citam-se os vegetais:

Chal-chal, *Allophylus edulis* Radlk. (fruto de pombo), — Sapindaceae;

Calaguala, *Polystichum capense* Willd. — Polypodiaceae;

Canchalagua, *Sisyrinchium vaginatum* Spr. — Iridaceae;

Chirca, *Eupatorium virgatum* D. C.; além de

Charrúa (charrôa), *Eupatorium bartsiaefolium* D.C. e *subhastatum* Hook. et Arn., ambas das Compositas;

Micania charrúa, denominação popularizada, de difícil identificação

Banana, *Musa paradisiaca*, segundo Rodolfo Garcia é termo aruaque, colhido entre os mbayás; em guarani é pacová.

Na potamografia constam as denominações:

Guauguái, que, no mapa do P. Caraffa, figura como Rio dos Charrúas;

Galeguaichú, que se confunde com o guarani Yaguariguazú;

Jaráu, serro onde se encontra a "salamanca" lendária;

Paysandú, possivelmente vocábulo charrúa, já que a interpretação guarani encontra opositores.

Nêste Estado, seus Cochá, no velho município de São Vicente (hoje General Vargas). O vocábulo significa "lagôa", no idioma quí-chua. O Major Quirino Nunes Pereira o traduz por "alagado", consoante a fisiologia local. Por êste topônimo, de evidente batismo charrúa, avaliamos o grau de aculturamento andino dos nossos índios andarengos, em conexão com tribos chaquenses, pampas e araucanas.

Na indumentária, o termo *quillapi*, dos araucanos, é o mesmo *quiyapi* dos pampas e o *caipí* ou *caipi* dos charrúas. Ora, êste vocábulo nada mais é do que o guarani *quiyá* (ratão do banhado), mais *py* (pele); ou seja — "pele de ratão do banhado". Sem embargo, até o couro do jaguetê era empregado pelos caciques como *caipí* de luxo. Eram charrúas e empregavam êtimos guaranis. Nada lhe importavam os termos, desde que o objeto fôsse designado. Nada de casticismos; êles não eram puristas. O termo *caipi*, se não fôra uma deturpação de *quiyapi*, significaria "couro de macaco", em guaraní. Fugamos, todavia, às interpretações literais, pois o *caipí* é o mesmo *quillapi* dos pampas ou *quilango* dos patagões.

A classificação genérica do ratão do banhado é *Myocastor* ou seja "rato-castor"; da espécie *coipú* (é sinônimo de quiyá), exprimindo mais ou menos "queda ruidosa", talvez pelo ímpeto com que salta à flor da água para o mergulho; *quiyá* parece exprimir "o navalhante", pela sua perícia em morder.

A palavra *mate* que, no Rio da Prata, é tanto o continente (cuia) como o conteúdo (erva), não passa de recipiente quichúa, utilizado nas infusões frias do *tereré* e quentes do *chimarrão*.

A *vincha*, ainda hoje usada nos trabalhos de campo, como a doma de potros e as marcações, apesar de reduzida a um simples lenço amarrado à cabeça, para segurar o cabelo, é a mesmo insígnia dos nobres incas.

Fato semelhante se dá com o *chiripá*, de *chiri*, — “frio”; *pac*, — “para” — “para o frio”. É o agasalho tradicional das pernas, usado solto nos pampas e cochilhas e trespassado nas regiões frias da Cordilheira.

A *chuspain* incáica, destinada às folhas de coca, transformou-se no repositório de fumo. Constava de um papo de nahndú, mas é hoje confeccionada em borracha ou couro, tendo forma de carteira.

A *lechiguana*, mel delicioso do macegal, é termo genuinamente charrúa.

O *Hualicho*, espécie de “Espírito Máu”, era crença e palavra comum entre charrúas, pampas e araucanos, segundo R. R. Schuller. Afirma D’Orbigny que o idioma charrúa tinha afinidades com o dos tobas e mocovís.

O nhandú (*Rhea americana*), falsamente chamado ema ou avestruz pelos europeizantes ou africanizantes, é o *sury* ou *churi* dos charrúas, tal como nas regiões andinas, entre os quíchuas, ou nas suas rechãs, entre os chaquenhos.

O próprio termo *pampa*, designativo de seu *habitat* e que generaliza as suas maiores parcialidades, tem origem nos páramos andinos; entre os quichúas é termo corrente, como vulgar o é na sua toponímia, em que pese aos guaranizantes, que o querem derivar de *pa-mbá*, — “todo batido”. E o índio que parlamentou no Serro de Montevideu, com Pero Lopes de Souza, através de um turgimão de “Lingua Geral”, disse ser, com seus parceiros, Ynhandú, vocábulo guaraní, idioma em que tentou se expressar, sendo charrúa...

Para traçarmos um exemplo da confusão linguística daquele período de evolução social, mencionemos, de passagem, que o atual Rio Gualaguay já se chamou Rio dos Charrúas, Rio Yaguarí e Rio Águas Ricas; diz Buenaventura Caviglia, hijo, que esta última metamorfose (Yaguarí) provem de — *y(agua)* — “aguas” e *ri*, abreviatura de “ricas” (Mapa de “Boundary Question” Barão do Rio Branco — 1894 — New York).

A babel idiomática foi crescendo na medida de seu movimento involutivo. Posteriormente, vemos charrúas completamente guaranizados, escolhidos para a fundação do povo de Santo Ângelo, em cujo município subsiste o tipo étnico bizarro e altaneiro do charrúa, representado na população campesiana da velha cepa missioneira. Nessa região são encontradas aquelas esferas cintadas de pedra, chamadas “bolas charrúas”.

Em 16, 17 e 20 de agosto de 1935, “El Pueblo”, de Montevideu, sob o título — Uruguayos en Bolivia y Bolivianos en el Uruguay — Orígen de las Parcialidades indígenas pobladoras de nuestro suelo —, afirma-se uma vinculação charrúa-uro, isto é, entre povos da planície e da montanha. Efetivamente, foi grande a disseminação aruaque, sendo de notar-se

que as instituições referentes a "chacus" ou caçadas administrativas dos incas, muito contribuíram para a transumância e miscigenação de tribús, consoante o plano quichuizante do império cuzquenho.

Dos fatos mencionados, deduzimos que o idioma dos charrúas, premido entre as influências poderosas das culturas inca e tupí-guaraní teria entrado em fase de involução. É o que supomos, dado o regime das "mitas" e consequentes transmigrações, sempre sob o influxo do idioma oficial montanhês, que era o *caque-aro* (quichúa) e a língua dominante na planície, que foi o *aváñeê* (guaraní), significando ambas "língua da gente".

Além do mais, a penetração européia teria, também, apressado o domínio desses dois idiomas "diplomáticos" da época. É, pois, compreensível que o seu nome gentílico pertença a outro idioma que não o próprio. Este fato, aliás, é trivial nas denominações de povos e tribos; tão frequente que os guaranís se intitulavam *avá* (gente) e aos cadiués eles rebatizaram, chamando-os *guaicurús*. — "indivíduos sarnentos"; a outros povos, como os teutos (deutschen), se chamou "alemães" e a nós próprios, nos chamaram "brasileiros", pelo histórico designativo profissional, em vez do verdadeiro patronímico "brasilienses". Mas em que idioma entroncará o vocábulo "charrúa"?

Tentemos averiguá-lo, examinando as interpretações conhecidas uma por uma.

I — Samuel Lafone — Quevedo — Charroa. Erva para fazer chá (Micânia charrua) — *rua*, — "faz"; *chá* — "te" (chá mesmo, em castelhano). Logo, *cha-rua*, — "faz chá".

Burlescamente comentando, pergunta Caviglia, hijo: — "Será casualidade?". E infere: — "Charrúa, o matista (el matero). ensis) e o toma, portanto — charrúa, o matista (el matero).

E continua: "A mim ninguém me mata, porque nós, os etimólogos, temos um Deus a parte. Com a mesma lógica, apoiado nas versões de "vermelhos" e "negros" (os charrúas), ao se tornarem "brancos" (do Partido Blanco), graças ao castigo por don Frutos Rivera, os poderíamos chamar... "bandeira alemã" (Refere-se às suas interpretações adiante mencionadas).

II — Conforme Quezada, os charrúas vivem muito tempo junto ao Rio Arhui, hoje chamado Corrientes, cujo significado tira de — *arohá*, "bizarro" mais *y*, — "agua", donde — "Rio dos Bizarros".

Como não há maiores explicações, pensamos queira o intérprete reportar-se a *aruan*, *aruã*, — "bem parecido", "agradável"; em vista da terminação nasal, porém, isto redundaria em *aruangi*.

III — O Dr. Schiafino advoga a etimologia — *cã-ruã* — que, no seu entender, exprimiria — "artelhos sem", ou seja — "dedos cortados".

Entretanto, "dedo" é *kuã*; a negativa seria *ruai*; mas, "sem dedos" se diria *kuaney*, de *kua* e *y*. Por outro lado, o étimo *cã* significa "osso". Não obstante, encontrada uma explicação plausível por outros étimos, seria concludente essa interpretação, de vez que os charrúas costumavam amputar uma falange por morte de cada parente, sendo frequente encontrá-los assim voluntariamente mutilados.

IV — Nas suas disquisições sobre o assunto, na revista montevidéana “El Terruño”, Buenaventura Caviglia, hijo, também menciona uma possível derivação de “charrier”, — “transportar”, “carrear”.

É esta uma das mais fracas possibilidades de acêrto, muito embora os franceses tivessem feito barganhas com os charrúas. Porém como generalizar o têrmo entre outras correntes linguísticas locais?

V — No prólogo da “Geografía Física Y Esférica de las Provincias del Paraguay y Misiones Guaranies” — de Félix Azara — Montevideo — 1904, Rodolfo R. Schuller afirma que o nome “charrúa” é, “indiscutivelmente”, de origem guaraní.

E expõe: *Chaná-ahurú* — “que gente mutilada”. *Harú* — “danoso” *aharú* — “danar-lhe”, “lastimar-se. *Há* — “cortar”, “tronchar”; *me* — “recíproco, in se ipsum”; *mbo* — “mão”; *quatiá* — “pintura”; *quái* — “ferir”, “cortar”. E conclue: *Charrúa* — “os que se lastimam a si mesmos”, mutilados ou seja cortados.

Identifica êsses *chanás* com *meguás*, declarando sinônimos êsses vocábulos. E explica o último: “mbé” — a si mesmo; “guai”, ferir.

Pelo exposto, é esta uma das mais “discutíveis” interpretações, já que se aferra ao fato apriorístico das mutilações, sem ater-se a étimos convincentes.

VI — De Angelis traduz a palavra charrúa por “somos turbulentos e revoltosos”.

E aduz os étimos *cha*, “nós” e *rua*, “irritadiços”.

Anselmo Jover Peralta assim decompõe o vocábulo: *cheraruache*, — eu, mim e *jharú*, — danoso, contrário: “o que me faz dano. Entretanto admite a interpretação do sobredito Felipe de Angelis, citando-a após uma adversativa. Com idêntica razão poder-se-ia dizer *che aruá*, “eu sou quebra”, “sou puava”, que são expressões gauchescas.

VII — A tradução da *charrúa* por Debret é — “meu pai”. Isto teria apôio nas raízes *che*, “eu” e *rub*, “pai”. Proviria, então, de *che-ruba*?

VIII — Batista Caetano propõe as raízes *u-ar-úi* — “aquele que é tronco de nascença ou de nascer, avô, avós”; e exemplifica: *cherub yarú*, — “avô de meu pai”.

Daí crê procederem as palavras *charrua* e *yarro* incluindo o sentido de “anus e alulures”.

IX — Opinião original é a de J. Cezimbra Jacques, que traduz “charrúas” por “homens das palhas”.

Não conhecemos, porém, o processo interpretativo desse bizarro cultor do gauchismo. Entretanto adregaria ao meio ambiente. Este autor cita, todavia a tradução “ribeirinhos”, do quíchua *char-unhas*, aliás reproduzida por B. Caviglia, embora com étimos diferentes.

X — A tradução de *charrúas* por R. Cuneo Vidalb (apud Caviglia) é “baixos guaranís”.

A verdade, entretanto, é que nem “baixos”, nem “guaranís” eram os charrúas.

XI — Na opinião de S. Geranio, charrúas exprime — “os errantes”, “os caminhantes”.

O conceito calha aos hábitos da tribo, porém não explica a etimologia.

XII — Embora dubitativamente, Sixto Perea Alonso traduz *charrúa* por “eu jaguar” e também “eu aruak”.

Essas interpretações, contudo, importariam em metaplasmo, além de envolverem um problema totêmico ainda não comprovado e alheio ao conhecimento das tribos vizinhas.

XIII — Fidel Lopez traduz *charrúas* por “os aquáticos”.

Não vemos, todavia, elementos que o comprovem de maneira objetiva, pois a atuação histórica dos *charrúas* desenvolveu-se no pampa. Melhormente dir-se-ia “os cavaleiros”.

XIV — “Charrúas” — “Os pacíficos”, “os amigos”, conforme Buenaventura Caviglia, hijo, que acrescenta as interpretações seguintes:

XV — “Nós os vermelhos”.

XVI — “Nós os negros... de pés”.

XVII — “Nós os caribes ou canibais”.

XVIII — “Nós os uruguaiois”.

XIX — “Nós os lobos de rio”, aos quais o autor distingue com bastante espírito e certa razão, catalogando-os como... *Pteronura uruguayensis*, Caviglia.

Assim classificou a ariranha (*Pteronura*, — “asa na cauda”), sendo esta a interpretação preferida de Caviglia, que a defende com brilho invulgar e profunda erudição. Contudo o termo *aruã* exprimindo “lobo de rio”, só de modo translato poderia explicar o vocábulo *charrúa*. Por outro lado, interferem no caso três animais distintos: a ariranha (*Pteronura brasiliensis*); a lontra (*Lutra paranensis*); e o quijá (*Myocastor coipú*), ratão do banhado. Também interferem os termos *yaguarú* *yaguacacá*, *yaguapopé*, *vivia*, *quaiquí* ou *cuica* (raposinha d'água) etc. Não obstante, alvitra ainda:

XX — *Cha aruak*, — “nós os aruaques”.

É esta uma interpretação de relativa credibilidade, muito embora não a abonemos, de vez que o termo *aruak*, designativo de tronco racial, não preponderava sobre os nomes tribais. Além disso, em lugar de *cha*, que é o pronome inclusivo guarani, êsses índios teriam empregado o exclusivo *oré*, — “nós” (que vos falamos). *Orereheguára*, — “os nossos”, “os que nos pertencem”, “os da nossa parcialidade” (que não da vossa). Teriam dito, portanto. — *Oré aruak* e não *cha aruak*.

XXI — Em face da insistência de Caviglia, escudando em diversos autores a sua tese — *che arua* (eu lontra), atribuindo significado zoológico à palavra *aruan*, convém lembrar que, nos “Estudos sobre o Nhe-engatú”, do dr. Vicente Chermont de Miranda (Anais da Biblioteca Nacional — Tomo LXIV), no verbete *matá-matá*, faz referência à “lingua *aruan*, tribo que outrora habitara o Marajó”.

Nêsse caso, pertencendo êsse povo, evidentemente, tanto como os *charrúas*, à raça aruaque, teriam dito êstes serem *aruãs* (*cha aruã*). Não obstante, é inegável que estava completamente obliterado o sentimento etnológico dessas tribos, espalhadas através de enormes distâncias, de vez que sempre prevaleceram as denominações locais sobre a determinação racial, adstrita ao posterior domínio da Etnologia, o próprio guaraní se diz *avá*, simplesmente.

XXII — Na “Crônica Histórica da Província de Corrientes” — 1928 — Buenos Aires, Manuel Florencia Mansilla registra: “*Cheraruá*, — “que nos faz dano”; de *che*, — “eu”; *harú*, — “danoso”, “contrário”. Este significado denuncia que a denominação foi dada pelos guaranis agricultores, continuamente assaltados pelos charrúas.

Julgamos forçada a interpretação que se inicia com o pronome *che*, quando visa designar outros (*há'é*).

XXIII — Em “*Reseñas y Etimologias de Palabras Guaranies Usadas en el Uruguay*” (Boletín de Filología — Tomo VI — Montevideo), Carlos R. Almiron, dando *Charrúa* como termo guaraní, assim o interpreta: *Cha* o *che*, es posesivo “mi”; *rrúa* o *rúa*, “jefe”; e acrescenta que em 1630 se chamava a êsses índios “charrúa” e em 1650, “charruens”, por van Legeren.

Esta suposição, entretanto, se reporta ao termo *urú*, na acepção de “chefe”, caso que demandando, igualmente, laborioso afã interpretativo, deixando, todavia, a questão pendente de novas hipóteses.

XXIV — O Professor Antonio E. González, em “*Fonética y Ortografía Guaranies*” (Boletín de Filología — Tomo VI — Montevideo), diz: “Charrúa — *I-ñe, ágä-ro-va*, (gente de espírito bravo), contrayéndose, apocopándose, aglutinandose, adquirió por etapas sucesivas las formas siguientes: *ñarova*, *ñaróo*, *naróa*, *narúa*, *yarúa* y por fin *charrúa*.”

O Professor González, contudo, não afirma concludentemente que charruaí derive de *ñeãgarova* (grafia autalizada) e, modestamente, explica. “Solo hemos hecho una pequeña excursión, un poco audaz, en el campo de la etimología”. *Bene trovato*... comentamos nós!

XXV — Deixamos para o final desta relação o parecer abalizado de Eugenio Garzon, que vai ao âmago da questão, asseverando que *charrua* procede de um termo castelhano antigo aplicável à condição de traficante nômade, “sempre em perpétua mudança”; reporta-se a Frederico de Onis que anotando “Torres Villarroel — Vida — 1912 — Madrid”, transcreve: “Em “*El Dialecto Vulgar Salamantino* — Jose de Lemano y Benyte — 1915 — Salamanca”, — consta:

“Charramúa, f. v. charrúa.

“Charramudarse, r. Remudarse. Mudarse. Mudarse de ropa interior. Usan esta voz en la comarca de Ledesma.

“Charrua, f. Arrieria. Tráfico al por menor, que se hace de un mercado a otro y eu una zona pequeña. Nuestros escritores clásicos usaran esta palabra con la significación de navio, barqueta...”

Assinalamos que, nesta última acepção, charrúa é termo náutico português, todavia usado à parte do galicismo *charrúa*, “arado”. Em nossa História figura a *charrua* “Luconia, velho navio de fretes (Pedro Calmon — O Rei Cavaleiro).

Dos verbetes supra, conclúe Engenio Garzon:

“Charramudarse — En tierra de Salamanca se usan hoy las frases “andar a la charramua” y “andar a la charrua”, andar de pueblo en pueblo ejerciendo el tráfico en pequeña escala, andar a comprar y vender; y “charruero” el que trafica en esta forma, “arriero”.

Mas dizer-se salamantino é salientar a influência românica que se prende ao idioma português e entronca no falar mosárabe, durante aquêlre recuada período bilinguista por povos hispânicos. Por isso vislumbramos hipotéticas raízes árabes no termo "charrúa", tarefa esta que deixamos aos etimologistas. Com efeito, em "El Idioma Español en sus Primeros Tiempos", registra Menendez Pidal:

"En el dialecto mas antiguo de Salamanca tambien se descubre algun rasgo occidental que pudiera depender de quando esta region pertencia a la Lusitânia romana y visigoda, pero aqui las influencias posteriores borraron estos carâteres mas antiguos, a diferencia de Miranda, que los conservó bastante bien".

Eis, portanto, a razão de, tanto uma como outra margem do Prata aceitarem indistintamente o vocábulo "charrúa", de cepa ancestral comum a ambos os povos de origem ibérica, abeberados, como foram, no *substractum* mosárabe, transplantado para a América do Sul.

Segundo o mesmo autor: — "Miranda era primitivamente una hijuela de Astorga y el dialecto de ambas regiones es hermano, este gran parecido debe depender de circunstancias primitivas y no de amigraciones de reconquista".

Ora, sabemos que Astorga é a cabeça da Maragateria, que Manuêlito de Ornelas, em Gaúchos e Beduínos, pensa ter influido na formação gauchesca. Não era o charrúa o nosso beduíno? E como beduíno, não era ero o primitivo maragato? Eis o gênese do gaúcho primitivo.

Em — O Gaúcho — de Madelino Wallis Nichols — Livraria Zélio Valverde S. A. — lemos o seguinte: "Os índios pampas eram negociantes; eles esperam justa retribuição aos seus favores". Torna-se, pois, manifesto que os nossos aruaques do pampa foram os primeiros coureadores e mascates, já que, efetivamente, sempre "andaram à charrúa".

Este designativo de "pampas" era genérico; abrangia mapuches, ranqueles, guenôas e muitas outras parcialidades, como os charrúas. Da mesma obra, "O Gaúcho", extraímos: "Assim é que o mesmo nome podia designar tribos totalmente diversas, uma vez que êsses nomes tribais eram, com freqüência, questão de *habitat*". De tal sorte, entre os araucanos, notamos: picunches, do Norte; huiliches, do Sul; puelches do Leste etc.

O proverbial nomadismo também se confirma no texto da — Conquista Espiritual, capítulo que trata de Yapeyú — Anais da Biblioteca Nacional — Tomo VIII — Rio de Janeiro. Transcrevamo a parte relativa ao caso:

"*Cobae taba oguereco oybíyape y caray eyebae Charruas yaba etê pucubae, oga eyebae, oatá rey ñote cebae, mbae mimbab rami ñurupi oçâçây, bae, coga apo quaa eyebae oyeporaca raca au-baé haecue rehe ñote ocarubae.*

Oguereco abe oybíya ambuaepe Ycaray eyebae Yarros, hae Bohanes yaba Charruas rami etey heco. Oguarini cete".

Versão portuguesa:

"Esta redução tinha nas suas lindes os pagãos chamados Charrúas, muitos altos, sem casas, somente afeitos a vagar atôa, como animais esparramados pelos campos, não sabiam fazer roças, andando sempre à caça, êles só dela se alimentavam.

Eles também tinham na outra divisa de suas terras os chamados Yarros e Bohanes, que muito se assemelhavam aos Charrúas no seu viver. E gostavam de guerrear".

Ante a instabilidade retratada nêsse trecho de prosa histórica, a falta de repouso e as barganhas que então entabularam com ingleses, franceses e holandeses, foi natural e espontâneo o batismo dêsses índios mecenudos que, na verdade, andavam "à charrúa". Com razão, deu-se-lhes um apelido no bem difundido dialeto da cidade universitária de Salamanca. Como que confirmando a vigência dêsse linguajar e o vago conhecimento das cousas salamantinas, o gaúcho denominou "salamancas" às grutas lendárias, à semelhança da hispânica Furna de Salamanca, onde uma velha sibila proferia os seus oráculos misteriais. É assim que temos a nossa "Salamanca do Jaráu".

Vem a preceito, portanto, o designativo — charrúa — a êsses índios, sem forçar a interpretação etimológica dos vocábulos, rebuscando raízes incertas e de duvidosa aplicação, que fogem à realidade, pois que se levantam sobre fundamentos movediços e inconsistentes.

Fica, desde logo, claramente estabelecida a analogia entre os arrieiros salamantinos e os andarengos do pampa: ambos os sistemas de vida coincidem nas "andanças à charrúa".

Por idêntico processo, "gandulo", que exprime "nômade", em castelhano, veio aplicar-se a outra parcialidade pampeana, por via de "chandules", "ñandules", "yandules" e, finalmente, "gandules". Eram êstes os que alcançavam a "los vetnados por pies" (P. Furlong Cardiff — A brief Summary oh Geography, Roger Barlow — 1932 — Londres).

O significado gauchesco de "gandulo", sinônimo de "pussuca", "pedinchão", não inquina, de modo algum, as características do nomadismo pechincheiro dos charrúas.

Cremos, assim, muito natural a formação dêsses vocábulos, mormente quando concorrem fatos ponderáveis que justifiquem o emprêgo de novas palavras, à luz dos costumes, associando hábitos e tendências tribais. Ilustremos esta assertiva. Aparece o vocábulo "charrúa", pela primeira vez, em uma "Memória" de Diego Garcia, em 1526, onde se lê: "Adelante hay una generación que se llama los "charruaes" questos no comen carne humana, mantienense de pescado e caza, de otra cosa no comen". Em 1530, acometeram o capitão J. Alvarez Ramon, no riacho de S. Juan (La Argentina — Rui Diaz de Gusman).

José de Saldanha, no seu pervagar, viu charrúas bolearem baguais e nhandús para comer, chegando a admirar um chefe charrúa que obrigava a mulher a segurar a guampa de tereré, enquanto êle, de braços cruzados, sorvia a amarga infusão fria da erva mate. Êste mesmo Saldanha, por ordem de Lecór, pretendeu aldeiar os charrúas, mas êstes recusaram por motivos de higiene, já que os acampamentos ficariam empestados com o mau odor dos resíduos.

Corrêa Luna, comentando o aspêto dos charrúas nas guerras da Colônia do Sacramento, assevera que êles se mostravam "fieramente horribles".

Outros informes encontramos em um relato de Sir Raleigh (The Great Bay of Charrúas or Guanipa), sobre o Orenoco (seriam aruaques) onde se afirma também que *arua* ou *aruwa* é a denominação da *Felixonza*, Lineu (citado por B. Caviglia, hijo — El Terruño — 1934 — Montevideo).

Quanto as barganhas, escambos ou charrúas destes índios traficantes, uma carta de Luís Ramyre (1528), bem como documentos de Gaboto, citados por Caviglia, mencionam um pequeno comércio de trocas feito pelos "sauvages de Montevideo".

No que tange ao idioma, repetimos, já conheciam os charrúas alguns rudimentos do guaraní. Juan Lopez de Velasco, na Geografia y Descripción Universal de las Indias (1571 — 1574 — Madrid — 1894), afirma: "Así la lengua de los que se llaman guaranies es la que generalmente se habla en todas las provincias, aunque tienen lenguaje particular".

Felix F. Outes, em — Descripción del Viaje realizado en 1748, por el R. P. José Cardiel S. J. — conta que este sacerdote "predicabales (a los Charrúas) en lengua guaraní, que casi todos los adultos entienden".

En face, contudo, dos elementos de todo convincentes expostos por Eugenio Garzon em favor da origem salamantina do termo "charrúa", parecem-nos de somenos importância os argumentos que procuram filiar esse vocábulo a alguma língua americana, tanto aruaque como guaraní; viesse de *che arúa*, *yaguarú chaná arú*, *che aruwa* ou *cha aharu*. Uns seriam hibridismos inconsistentes, outros envolveriam elementos totêmicos improváveis, todavia, se reveste de maior credibilidade, ante a cosmogonia indígena.

Poderíamos alinhar, de nossa conta, outras tantas interpretações, tornando ainda mais confuso o quebra-cabeças. Diríamos, então que "charrua" proviria de *yaruái*, — "chocarreiro", apoiando a interpretação no costume de gritar interrompendo a voz com o clássico bater de mão nos lábios, costume que transmitiram ao gaúcho hodierno, que ainda combate bramado como os velhos charrúas, donde resulta um alarido de feras soltas e enraivecidas. Aliás, tôdas as tribos têm o seu grito de guerra.

Muitas hipóteses seriam aventadas por quem quizesse enfileirar na coleção uma exegese própria, cuja paternidade pudesse assumir, defendendo a sua legitimidade. Aumentariamos a balbúrdia, sem nada esclarecermos. Assim diremos convictamente que o termo é ibérico; provém de Salamanca, em cujo dialeto é encontradiço. Estamos com Eugenio Garzon.

Ademais, a expressão — *charruas yaba*, "os chamados charrúas" —, excluiria naturalmente a palavra do léxico guaraní, se dêle ela já não estivesse ausente pela sua estranha prolação.

Por outro lado, os charrúas se diziam *curumeguás*, *chanés*, *mbeguás*, logo o vocábulo em causa seria alheio à sua própria língua, fugindo à sua compreensão, tal como o apodo "guaicurú" foge à inteligência dos *cadiués*, de tal modo chamados pelos guaranis.

A ocorrência do *rr* (dobrado), sobretudo, torna manifesto e indiscutível o seu exotismo. Não cabe em nenhum dos idiomas americanos. É termo importado!

Em concomitância, "charrúa" outra coisa não pode ser senão o velho vocábulo peninsular, que tanto serviu a portugueses como a castelhanos: — "charrúa", — tráfico, escambo, barganha. O charrúa foi o mascate daquele tempo. Tanto vendia couro e peles, como comprava artefatos de metal andino e negociava com as tribus e os povoadores europeus.

No município de Uruguaiana, junto a um afluente meridional do Ibirocái, um serrito agudo lembra ainda o nome dos charrúas. Talvez tenha sido um dos derradeiros acampamentos, antes da tribo se diluir entre a população gaúcha, durante a revolução farroupilha. Era pelos seus contingentes aguerridos e denodados que se podia proclamar: "Sou da gente do Guédes, morro sêco e não me entrego!". Essa gente, como a de João Antônio, era, em maioria, da raça charrúa...

Não compreendemos a razão de dar-se a denominação de Charrúa a uma vila do Norte do Estado do Rio Grande do Sul, tanto mais que, como é o caso, o maior tódo de índios caingãs se encontra no respectivo distrito. É um contrasenso. Naquelas brenhas jamais transitaram os charrúas.

Ante o bom critério histórico e geográfico, a denominação Charrúa deveria ser reservada a um município fronteiriço, como Rosário do Sul ou a uma vila qualquer do velho *habitat* dos charrúas, ao Sul do Ibicuí.

